

GILBERTO FREYRE E A MULATA: MESTIÇAGEM E DIFERENCIAÇÃO NO PENSAMENTO BRASILEIRO

*Natasha Pravaz**

Resumo: O texto analisa a obra de Gilberto Freyre a partir do duplo discurso da mestiçagem e da democracia racial, mostrando como estas figuras discursivas, se bem geralmente concebidas como sinônimas, pode ser vistas como categorias antitéticas. Por um lado a mestiçagem enfatiza a noção de fusão, em tanto que por outro, a democracia racial pressupõe a exaltação da diferença. Estas idéias são examinadas através de uma análise da figura da mulata, sua especificidade histórica e sua representação em letras de samba da década de 1930. O texto propõe que tanto a mulata como o samba podem ser interpretados a partir desta dupla ótica de síntese e simbiose, e que a importância contemporânea do pensamento freyreano reside precisamente em ter sistematizado discursivamente esta ótica.

Palavras-chave: Gilberto Freyre, Mulata, Mestiçagem, Democracia racial, Samba.

“Olha só quantos mulatos! A mestiçagem é a verdadeira prova da democracia racial brasileira”. Quantas vezes não ouvimos frases similares a esta provindas da boca, na maioria das vezes, de brancos brasileiros? Quantas vezes também, não temos lido críticas a este tipo de pensamento do punho de acadêmicos tanto brasileiros quanto estrangeiros? Faz tempo que este assunto nos intriga. A leitura imediata nos leva à conclusão fácil de que tudo é uma questão de ideologias em conflito. Afinal, ora se acredita na existência da democracia racial, ou se denuncia a mesma como uma supervivência freyreana que justifica, ao negá-la, a opressão sofrida pelos negros brasileiros.

Porém, ainda ressoam duas perguntas:

- 1) Será que quanto falamos em democracia racial, é uma só a ideologia da que estamos falando?
- 2) Será que é só de ideologia do que estamos falando?

Estas perguntas me ocorreram ao desenvolver minha pesquisa de campo no Rio de Janeiro, onde estudei o tipo social da “mulata brasileira”¹. A primeira pergunta, referida à relação entre democracia racial e mestiçagem, abre uma questão fundamental ao debate, que é: como é possível que o fenômeno da mestiçagem seja entendido no pensamento racialista hegemônico como sinônimo de democracia social, quando as duas categorias são em essência, antitéticas? Afinal, a mestiçagem, se bem literalmente se baseia na existência de pelo menos dois elementos raciais diferenciados como ponto de partida, ou mito originário do “caldeamento de raças”, ela é na verdade um tropo discursivo que descreve a identidade brasileira caracterizando-a pela fusão, mixtura e hibridação tanto biológica quanto cultural, negando neste movimento, a diferenciação social pressuposta pela mentada democracia racial. Este processo coloca o mestiço como inerentemente brasileiro e vice-versa, dando origem ao famoso particularismo cultural presente também em outras nações da América Latina, que no Brasil tão bem se expressa nas palavras de Gilberto Freyre quando afirma ser a maior vantagem da miscigenação a formação do brasileiro – tipo ideal de homem moderno para os trópicos, europeu com sangue negro ou índio a avivar-lhe a energia (FREYRE 1933, p. 47). Se os intelectuais brasileiros da virada do século XX haviam começado a questionar as teorias da mestiçagem em tanto processo degenerativo, colocando o branqueamento como a possibilidade futura e “construtiva” da hibridação racial², Gilberto Freyre irá colocar a ênfase no passado, estruturando a mestiçagem como mito formativo da brasileiridade, mito que faz referência a acontecimentos já ocorridos porém

* York University (Canadá).

² Ver Skidmore (1993) e Stepan (1991).

constituídos como estrutura permanente, em simultânea relação com o passado, presente e futuro, e com contínua eficácia em seu poder estruturante³.

O pensamento freyreano vem contradizer o racismo científico e o culto ao ariano num momento histórico em que a miscigenação construtiva já era parte do imaginário de eugenistas, antropólogos e reformadores sociais. Coube a Freyre porém dar forma acabada e definitiva ao mito, escrevendo de forma persuasiva o suficiente para colocar-se como fundador de certa discursividade⁴. Com seu culto ao mestiço, o trabalho de Gilberto Freyre dá expressão à necessidade de uma narrativa sobre a identidade nacional que pudesse integrar elementos dispares, ou hierarquizados, nas falas de Renato Ortiz (1985) e Roberto Da Matta (1981). É aqui que ocorre a formalização de um discurso que vai adquirir status hegemônico nas próximas décadas: a mestiçagem como processo central na formação da identidade nacional. Em palavras de Freyre:

Foi misturando-se gostosamente com mulheres de cor logo ao primeiro contato e multiplicando-se em filhos mestiços que uns milhares apenas de machos atrevidos conseguiram firmar-se na posse de terras vastíssimas e competir com povos grandes e numerosos na extensão de domínio colonial e na eficácia de ação colonizadora. A miscibilidade, mais do que a mobilidade, foi o processo pelo qual os portugueses compensaram-se da deficiência em massa ou volume humano para a colonização em larga escala...(FREYRE 1933, p. 9).

O que a monocultura latifundiária e escravocrata realizou no sentido de aristocratização, extremando a sociedade brasileira em senhores e escravos..., foi em grande parte contrariado pelos efeitos sociais da miscigenação. A índia e a negra-mina a princípio, depois a mulata, a cabrocha, a quadrarona, a oitavona, tornando-se caseiras, concubinas e até esposas legítimas dos senhores brancos, agiram poderosamente no sentido de democratização social no Brasil (ibid. p. lx).

A mestiçagem aparece então como um processo inerentemente civilizatório e democratizante por excelência, mas pode notar-se a progressiva dissolução do elemento negro, em sua forma feminina, ao pôr-se ênfase na mulata, quadrarona e oitavona como concubinas preferenciais, talvez confirmando leituras de Freyre que destacam a presença da ideologia do branqueamento encoberta em seu discurso. Objeto por excelência no discurso da hibridação como fusão, a mulata aparece no pensamento freyreano em particular e no imaginário brasileiro em geral como símbolo daquilo que é de mais apreciado pelo ethos nacional. Ela surge como a verdadeira representação do Brasil, mistura de raças e culturas, pura sensualidade e calor dos trópicos.

A preferência pela mulata, no entanto, antecede a Freyre. É necessário entender esta preferência, que poderia ser vista apenas como mais um elemento da ideologia da mestiçagem, em tanto prática constituída não apenas pela "familiaridade com a moura encantada" na Península Ibérica, à qual Freyre tanto gostava de se referir, mas principalmente pela forma específica em que as relações entre classe sociais estruturaram no Brasil relações de gênero e raça. O Brasil colonial, patriarcal e escravocrata de Freyre, como já bem observaram Bastide e Fernandes (1959) e Giacomini (1988) entre outros, teve nas relações de parentesco uma das formas principais de controle social. Enquanto severas proibições morais em contra de casamentos interraciais asseguravam a integridade do grupo dominante, o comércio sexual entre senhores brancos e escravas negras naturalizava a condição destas últimas em tanto objetos sexuais, cujos corpos não lhes pertenciam. Este processo veio fomentar a sexualidade precoce e perversa dos rapazes de engenho, protegendo desta forma a honra de mulheres brancas presas a uma domesticidade puritana, cuja sexualidade era severamente controlada pela elite.

Esta disponibilidade da mulata e da negra para a apropriação e abuso sexual pela sua condição escrava foi muitas vezes justificada através da produção de estereótipos acerca de sua natureza altamente erótica e sedutora. Mesmo Freyre, quem reconhece a perversão sado-masoquista produzida pelo sistema escravocrata, onde o hiperexcitado seria o branco perante uma escrava passiva, revela a sua própria obsessão ao retratar como frades e eclesiásticos não se continham perante os muitos prazeres que escravas supostamente lhes ofereciam:

Muitos levavam a mesma vida turca e debochada dos senhores de engenho, sob a provocação de mulatinhas e negras da casa se arredondando em moças, de mulecas criando peitos de mulher; e tudo fácil, ao alcance da mão (FREYRE 1933, p. 441-2).

E ainda, comparando desfavoravelmente balzaquianas brancas com suas subordinadas de cor:

³ Para uma análise da categoria de "mito" neste sentido, ver Barthes (1957) e Levi-Strauss (1963).

⁴ Ver Foucault (1984).

"uma preta quarentona é ainda uma mulher apenas querendo ficar madura, ainda capaz de tentações envolventes" (ibidem).

A preferência pela mulata, portanto, deve ser entendida por um lado em relação a este passado escravocrata em que ela teve lugar servil por escrava e por mulher, e por outro em tanto elemento integrador das diferenças, produzido como tal pelo desejo do homem branco por uma alteridade menos alheia, negra embranquecida, perfeita síntese entre o "eu" e o "outro". Este impulso vai encontrar clara formulação no mito da mestiçagem, constituindo-se eventualmente em desejo por uma certa identidade nacional.

A exaltação do elemento híbrido como síntese e portanto negação das diferenças entretanto é um fenômeno que se expressa não só no pensamento a respeito do biológico, como também, fundamentalmente, do cultural. Aliás, um e outro estão inevitavelmente imbricados, sendo que tendo a metáfora do híbrido, como todos sabem, sua origem no pensamento cientificista e racista de fins do século XIX, ela biologiza processos como o sincretismo religioso e práticas culturais como o samba, naturalizando processos de fusão e negando as especificidades e relações de poder envolvidas nos mesmos. O próprio trabalho de Freyre se sustenta, entre outras estratégias, na detalhada enumeração das tradições materiais e simbólicas de indígenas, africanos e portugueses que vieram a constituir a cultura brasileira, desde a ciência e a técnica, passando pelas formas de cultivar, e cozinhar até as crenças, superstições e ritos de higiene e profilaxia. Porém, indo além do trabalho de Freyre, que legitimou esta forma de pensar sobre o Brasil, nos interessa aqui em particular destacar a presença no país de um culto à cultura afro-brasileira em tanto híbrida, e principalmente ao samba.

O samba é uma forma musical e de dança cujos origens se remontam aos começos do século XX no Rio de Janeiro. Afro-brasileiros baianos, migrados como consequência da abolição da escravatura, do declínio do açúcar e da guerra de Canudos, trouxeram suas sessões de batucada e dança para a Praça Onze, onde o lundu e o maxixe foram se modificando até tomarem a forma do samba⁵. A palavra samba, por exemplo, provém do termo angolano semba, que designa o umbigo (BROWNING 1995, p. 19). Nas sessões de lundu os participantes formavam um semi-círculo e os dançarinos convidavam ao centro uns aos outros através de uma umbigada. Esta forma de dança era, como o samba, caracterizada por um forte requebrado⁶ e pelo uso extenso de instrumentos de percussão.

Um dos lugares mais importantes na produção do samba foi a casa da tia Ciata, uma matriarca bahiana em cujo terreiro se realizavam regularmente sessões de Candomblé. Após as mesmas, compositores de samba, bahianos expatriados e boêmios da classe média se juntavam para fazer música, produzindo a mentada hibridação de forma culturais. Já John Chasteen (1996) e Hermano Vianna (1985) mostraram que o samba pode ser concebido como fruto dessa mistura cultural entre elementos afro e euro-brasileiros. Vianna em particular, nos ajuda a entender o samba em sua relação com as necessidades nacionalizantes e de homogeneização do Estado Novo de Getúlio Vargas, na década de trinta. O advento das gravadoras de discos e das estações de rádio dava à música popular a possibilidade de ser ouvida em toda a nação. Foi assim que o samba rapidamente passou de ser um som regional a se transformar em símbolo nacional, estimulado pelas políticas culturais do governo Vargas, com seus incentivos ao samba e ao carnaval. A figura da mulata sambista surge neste contexto como a própria síntese destas hibridações biológicas e culturais. Basta ouvir as letras dos sambas da década de trinta para ter uma idéia da dimensão do culto à mulata e de sua relação com a cultura popular então transformada em símbolo nacional e híbrido. A mulata carrega a "cor do Brasil" na pele, e o samba na veia. Ela aparece como a única que sabe dançar apropriadamente o samba, se bem todas tentam imitá-la (ver anexo).

Em anexo encontram-se cinco letras de sambas que ilustram claramente a relação entre esta forma de expressão artística e a cabrocha brasileira. Enquanto as duas primeiras letras fazem o elogio à mulher morena, sendo que a segunda põe ênfase na relação estreita entre ela e o samba, a terceira e quarta letras já fazem explícita referência à relação entre morenidade ou mulaticidade e brasileiridade, relação esta que aparece como que mediatizada pela habilidade para sambar, pelo ritmo instintivo, encarnado no requebrado da letra "É luxo só" e no chieiro de samba da letra "Ela diz que tem"⁷.

Para avaliar a importância ou representatividade destes sambas basta lembrar que o compositor do segundo, Ary Barroso, se consagrou com aquele nosso hino brasileiro que é o Aquarela, do "Brasil lindo e trigueiro", e que a intérprete da quarta música, Carmem Miranda, uma branca portuguesa e americanizada, muito ajudou na

⁵ Ver McGowan e Pessanha (1998)

⁶ Aliás, diga-se de passagem que o português do Brasil apresenta uma proliferação bastante significativa de termos que designam o requebrado, como rebolado, mojejo, bamboleio, balanço, ginga, suingue, jogo de cintura.

⁷ Uma análise mais detalhada destes sambas encontra-se em Pravaz (2000).

exportação do mito mulato do Brasil africanizado com suas bananas e balagandãs. Já a quinta letra, "O teu cabelo não nega", que virou abertura oficial dos bailes de carnaval em 1952, nos mostra outra forma de apreender a mulata no pensamento popular brasileiro. A frase "o teu cabelo não nega, mulata" faz referência a uma característica muitas vezes não reconhecida da terminologia racial brasileira. A de que mulatos não são necessariamente a "mistura" perfeita entre negros e brancos, mais um termo dentro da proliferação de categorias mediadoras. Pelo contrário, em termos de seus efeitos nas relações interpessoais e na estrutura social, mulatos e mulatas são constituídos como negros⁸.

É a partir desta análise que podemos entender a outra cara da ideologia da mestiçagem como fusão ou síntese, que é a da suposta democracia racial. Mulatas, na letra desta música, ficam abertamente reconhecidas como negras, como sendo "da cor", descobertas, traídas pelo cabelo, em geral pejorativamente chamado de duro (ou ruim, sarará, pichaim, crespo, etc). Mas nem por isso deixam de ser objeto do desejo amoroso⁹, só que agora desvendadas na sua alteridade de doença não contagiosa. É esta negritude ineludível que coloca uma ameaça à invisível branquidão do compositor Lamartine Babo, cujo sobrinho, o sr. Oswaldo Sargentelli, autodenominou-se o maior mulatólogo do Brasil, "inventando" os famosos shows de mulatas. A democracia racial como doutrina, no entanto, não se vê afetada por estas evidências de preconceito. Pelo contrário, as incorpora quase que como elemento de distinção, à la Pierre Bourdieu, onde o sujeito racialmente "democrático" (este sempre branco...) pode dizer que não é racista já que tem um amigo preto, lembrando aquela frase analisada pelo autor francês a respeito do nobre que "é tão humilde", implicando o qualificativo de "para ser aristocrático" (BOURDIEU 1990, p. 127).

A democracia racial como idéia pressupõe a perpetuação e exaltação até, da diferença. Ela se baseia no reconhecimento não só de profundas distinções raciais, seja entendidas em termos de cor ou biológicas, mas também de tradições culturais de povos diversos que vivem em harmonia. Em particular, no Brasil esta idéia se expressa no que pode chamar-se de hibridação entendida como simbiose, conceito que tomo de Lourdes Martínez-Etchazabal (1999), e pelo qual duas ou mais tradições culturais parecem conviver uma ao lado da outra, influenciando-se e necessitando uma da outra, mas sem se misturar de todo. Neste fenômeno, se bem elementos afro-brasileiros são utilizados como exemplos de cultura nacional, o branco em tanto grupo social e seus valores estéticos ou perspectiva é que prevalecem. Este processo já foi descrito por Peter Fry (1982) como uma estratégia pela qual elementos étnicos são transformados em símbolos nacionais, de forma que uma situação de dominação racial é encoberta e se torna mais difícil denunciá-la. A partir deste ponto de vista, o samba passa a ser, já não elemento híbrido e brasileiro em tanto tal, mas produto da cultura afro-brasileira, constituída agora como tradição étnica aparte, motivo de orgulho de populações negras e de defesa das impurezas modernizantes ou branqueadoras por parte de seus compositores.

Evidentemente a idéia de democracia racial faz parte fundamental do trabalho de Gilberto Freyre, sendo que o autor busca ressaltar em particular a falta de preconceito racial ou étnico por parte do colonizador português, dando origem ao luso-tropicalismo. Segundo o autor, o verdadeiro antagonismo do português teria sido em contra do herege, do não cristão, não batizado, em contra de muçulmanos e judeus, e não em contra de negros ou indígenas em virtude de sua cor. Pelo contrário, "o branco que traz no corpo a sombra da ama de leite que lhe deu de mamar, da mulata que lhe tirou o bicho-do-pé numa coceira deliciosa, e da que o introduziu ao amor físico na cama-de-vento" (FREYRE 1938, p. 197) é um verdadeiro democrata social. É neste reconhecimento evidente da diferença, desigual no gênero, na classe e na raça, que a democracia racial de Freyre melhor se expressa.

A nosso ver, o mistério de Freyre, o segredo pelo qual seu pensamento é no seu centenário tão vigente quanto há sessenta anos, encontra-se na articulação de duas gramáticas, combinando "fusão" com "harmonia", "mestiçagem" com "democracia"; na integração de duas categorias, uma na qual a diferença racial é negada, sintetizada, hibridizada, transformada em mixtura, fusão de raças, Brasil cadinho, e outra na qual é a própria diferença aquilo que é louvado e exaltado¹⁰. Por outro lado, o elemento mestiço em si ao mesmo tempo que é definido como híbrido, tipo ideal, mais eugênico, é apreendido em tanto elemento "de cor", provando a democracia racial no amor que brancos expressam pelas mulatas. Convém ressaltar que a mestiçagem entendida como sinônimo de democracia racial pressupõe uma fábula amorosa entre senhor branco e escrava negra que nega a violência e estruturação social do ato, que outras vezes o mesmo Freyre reconhece.

Um outro segredo de Freyre vem responder nossa segunda pergunta, formulada no começo desta apresen-

⁸ Ver Hasenbalg (1979) e Hasenbalg e Silva (1988).

⁹ Tanto é assim que, como já dizia Abdias do Nascimento (1978), o fato dela ser objeto de desejo do homem branco "sem preconceitos" é visto como símbolo da democracia racial.

¹⁰ Ricardo Benzaquen de Araújo (1994) analisa o conceito de mestiçagem em Freyre no duplo sentido de fusão e de convívio da diferença.

tação: será que quando falamos de mestiçagem e democracia racial, é só de ideologia do que estamos falando? Pelo contrário, consideramos que o discurso freyreano é tão poderoso porque além de mero simbolismo explicativo, ele é constitutivo de hábitos sociais vividos e produtor de subjetividades, dando forma a diversas práticas sociais associadas com a construção da brasileiridade, sendo a mulatice uma das mais importantes entre elas¹¹.

ANEXO

(1) Mulata Assanhada -

Ataulfo Alves (1930s)

O, mulata assanhada
Que passa com graça
Fazendo pirraça
Fingindo inocente
Tirando o sossego da gente

O, mulata assanhada
Ai, mulata se eu pudesse,
E se o meu dinheiro desse,
Eu te dava sem pensar,
Esta terra, este céu, este mar
E ela finge que não sabe,
Que tem feitiço no olhar

O, mulata assanhada
Ai, meu Deus, que bom seria
Se voltasse a escravidão
Eu comprava esta mulata
E levava pro meu barraco
E depois a pretoria
É que resolvia a questão
O, mulata assanhada

(2) Morena Boca de Ouro -

Ary Barroso (1930s)

Morena boca de ouro que me faz sofrer
O teu jeitinho é que me mata
Roda morena vai não vai
Ginga morena cai não cai
Samba morena e me desacata

Morena é uma brasa viva pronta pra queimar
Queimando a gente sem clemencia Roda morena vai nao vai
Ginga morena cai não cai
Samba morena com malemolência

Meu coração é um pandeiro
Gingando ao compasso de um samba feiteiro
Samba que mexe com a gente

Samba que zomba da gente
O amor é um samba tão diferente

Morena samba no terreiro
Pisando vaidosa cestrosa meu
coração
Morena tem pena de mais um sofredor
Que se queimou na brasa viva do teu
amor

(3) E Luxo Só -

Ary Barroso, Luiz Peixoto (1930s)

Olha, esta mulata quando dança é luxo
só
Quando todo o seu corpo se embalança é
luxo só
Tem um não sei quê que faz a confusão
O que ela não tem, meu Deus, é
compaixão

Olha esta mulata quando dança é
luxo só
Quando todo o seu corpo se embalança e
luxo só
Porém seu coração quando palpita e se
agita
Mais ligeiro nunca vi compasso tão
brasileiro

Eta samba cai pra lá, cai pra cá, cai pra
lá, cai pra cá
Eta samba cai pra lá, cai pra cá, cai pra
lá, cai pra cá

Mexe com as cadeiras mulata, e o
requebrado me maltrata

(4) Ela Diz Que Tem -

Carmen Miranda (Paiva & Cruz, October
13, 1941)

Ela diz que tem, diz que tem, diz que
tem

¹¹ Para uma análise da mulatice como subjetividade e performance, ver Pravaz (no prelo).

diz que tem, diz que tem, diz que tem, diz que tem
Tem cheiro de mato, tem gosto de coco
Tem samba na veia, tem balangandã

Ela diz que tem, diz que tem, diz que tem
Diz que tem, diz que tem, diz que tem, diz que tem
Tem a pele morena, e o corpo febril
E dentro do peito o amor do Brasil

Cantei em São Paulo, cantei no Pará
Tomei chimarrão, e comi vatapá
Eu sou brasileira, meu corpo revela
Que a minha bandeira é verde e amarela

Eu digo que tenho, eu tenho muamba
E tenho no corpo o cheiro de samba
Eu quero para mim o moreno fagueiro
Que seja do samba e bom brasileiro

(5) O Teu Cabelo Não Nega -

Lamartine Babo, João, Raul Valença (1932)

O teu cabelo não nega, mulata
Porque és mulata da cor
Mas como a cor não pega, mulata
Mulata eu quero o teu amor
Tens um sabor bem do Brasil,
Tens a alma cor de anil

Mulata, mulatinha, meu amor
Fui nomeado teu tenente interventor
Quem te inventou, meu pancadão,
Teve uma consagração
A lua te invejando fez careta, porque
Mulata, tu não és deste planeta
Quando bem bem vieste à terra
Portugal declarou guerra
A concorrência então foi colossal
Vasco da Gama contra o batalhão naval

O teu cabelo não nega mulata,
Porque és mulata da cor
Mas como a cor não pega, mulata
Mulata eu quero o teu amor

BIBLIOGRAFIA

- Araújo, Ricardo Benzaquen de. 1994. *Guerra e Paz: Casa-Grande & Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30*. Rio de Janeiro: Editora 34 - Nova Fronteira.
- Barthes, Roland. 1957. *Mythologies*. London: Paladin Books.
- Bastide, Roger e Florestan Fernandes. 1959. *Branços e negros em São Paulo*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- Bourdieu, Pierre. 1990. *In Other Words: Essays Towards a Reflexive Sociology*. Standford: Standford University Press.
- Browning, Barbara. 1995. *Samba: Resistance in Motion*. Bloomington: Indiana University Press.
- Chasteen, John Charles. 1996. The Prehistory of Samba: Carnival Dancing in Rio de Janeiro, 1840 – 1917. In: *Journal of Latin American Studies* (28:29-47).
- Da Matta, Roberto. 1981. *Relativizando: Uma introdução à antropologia social*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Foucault, Michel. 1984. "What is an Author?" In: Paul Rabinow (ed.), *The Foucault Reader*. New York: Pantheon Books.
- Fry, Peter. 1982. *Para inglês ver*. Rio de Janeiro: Zahar editor.
- Giacomini, Sonia Maria. 1988. *Mulher e escrava: uma introdução histórica ao estudo da mulher negra no Brasil*. Petrópolis: Vozes.
- Hasenbalg, Carlos A. 1979. *Discriminação e desigualdades raciais no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal.
- Hasenbalg, Carlos A. and Nelson do Valle Silva (eds.). 1988. *Estrutura social, mobilidade e raça*. Rio de Janeiro: Vértice & Iuperj edições.
- Levi-Strauss, Claude. 1963. *Structural Anthropology*. New York: Anchor.
- Martínez-Echazábal, Lourdes. 1999. "Hibridismo e diáspora em *Black Atlantic*: o caso de *Chombo*." In: *Estudos Afro-Asiáticos* 35. Universidade Candido Mendes.
- McGowan, Chris and Ricardo Pessanha (1998). *The Brazilian Sound*. Philadelphia: Temple University Press.
- Nascimento, Abdias do. 1978. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Ortiz, Renato. 1985. *Cultura Brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Editora Brasiliense.
- Pravaz, Natasha. No prelo. "A preferência é mais pra mulata": semântica dos corpos no *Planeta Xuxa*." In: *Lugar Comum: Estudos de mídia, cultura e democracia*. Rio de Janeiro: NEPCOM, UFRJ.
- . 2000. "Imagining Brazil: Seduction, Samba, and the Mulata's Body." In: *Canadian Women Studies / Les Cahiers de la Femme* 20(2), edição especial: National Identity and Gender Politics.
- Skidmore, Thomas E. 1993 [1974]. *Black into White. Race and Nationality in Brazilian Thought*. New York: Oxford University Press.
- Stepan, Nancy Leys. 1991. *The Hour of Eugenics: Race, Gender and Nation in Latin America*. Ithaca: Cornell University Press.
- Vianna, Hermano. *O Mistério do Samba*. Rio de Janeiro: Zahar Editor.